

# As raízes da blogosfera: uma incursão pela imprensa romântica<sup>1</sup>

Elsa Costa e Silva<sup>2</sup>

**O**s blogues são um fenómeno recente que têm atraído atenção crescente por parte da academia. Espaços de auto-expressão, de debate, de partilha e de discussão, os blogues têm sido crescentemente perspectivados como potenciadores de uma nova esfera pública, onde a participação dos cidadãos se faz sem restrições de acesso. Sendo obviamente novos enquanto expressão de uma era tecnológica, os blogues poderão, na sua essência, partilhar semelhanças com outros momentos históricos de constituição da esfera pública, nomeadamente com a imprensa romântica que floresceu em Portugal no século XIX.

---

1 Este artigo foi elaborado no âmbito do projecto de investigação “A Regulação dos Media em Portugal: O Caso da ERC”, financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia (PTDC/CCI-COM/104634/2008).

2 **Elsa Costa e Silva** é Professora Auxiliar do Instituto de Ciências da Universidade do Minho. Doutorou-se em Ciências da Comunicação em 2013, na área de especialidade em Economia Política da Comunicação, com uma tese sobre a blogosfera política portuguesa. Ensina nas áreas de Jornalismo, Economia Política e mercados de comunicação. Fez parte da equipa do projeto financiado pelo FCT “A regulação dos Media em Portugal: o caso da ERC”. Foi jornalista do Diário de Notícias durante dez anos.

## Os blogues: um espaço de novas possibilidades

A história da blogosfera atraiu já atenção relevante, apesar de ser um fenômeno recente. A palavra *blogue* não existia há 15 anos e não há ainda certezas absolutas sobre como surgiram estas primeiras páginas online, atualizadas em períodos regulares. A palavra *blogue* (*blog* em inglês) resulta da contração das palavras *web* e *log* (*weblog*, que significa diário de bordo na Internet) e terá sido usada pela primeira vez em 1997. A ordem cronológica inversa (vê-se em primeiro lugar a última atualização) é característica desde o início destas páginas online, que tinham muitas vezes listagens de links (Blood, 2000), e que se podem dedicar aos mais diversos assuntos, desde a política aos jogos, passando pela literatura, fotografia, moda ou animais de estimação. A popularização destas páginas acontece sobretudo a partir de 1999, quando são lançados serviços como o Blogger para albergar blogues.

Os blogues são páginas na Internet onde são colocadas mensagens datadas, normalmente abertas a comentários livres dos leitores (embora nem todos os autores admitam caixas de comentários ou, em alguns casos, haja moderação). Essas páginas podem ser editadas por um ou mais autores e permitem uma atualização rápida de conteúdos, que ficam assim ordenados de forma cronologicamente inversa. A tecnologia evoluiu rapidamente de forma a incluir a possibilidade de “postar” imagens, vídeos e ficheiros de áudio. Outra inovação importante foi a introdução, por parte da Blogger, do *permalink* – ou seja, uma ligação permanente a cada post individual, ao qual é atribuído um URL, que permite um arquivo de fácil rastreabilidade. Cada *blogue* disponibiliza também, por norma, uma lista de outros blogues com os quais se identifica ou partilha interesses – são os chamados *blogrolls*. Vários serviços possibilitam a contagem de leitores dos blogues, quantificando assim as audiências. Em Portugal, por exemplo, o serviço mais usado é o Sitemeter, cujas estatísticas permitem a construção de

ranking dos mais lidos disponibilizado pelo Blogómetro<sup>3</sup>.

Um dos fatores que explica o sucesso dos blogues tem a ver com o fato de estes requererem uma tecnologia simples, que não exige grandes competências informáticas quer para a criação, quer para a manutenção destas páginas. Por outro lado, não têm custos de entrada e a manutenção tem um valor baixo, quando não mesmo gratuito. Os blogues mantiveram-se essencialmente produtos não comerciais, embora alguns tenham passado a ser subsidiados por publicidade – havendo já caso de bloggers que adquiriram a condição de profissionais. Alguns autores assinalam um contexto social e cultural favorável ao aparecimento dos blogues, já que estes respondem, nomeadamente ao desejo de notoriedade que caracteriza as sociedades contemporâneas, fornecendo ainda oportunidade de explorar diferentes facetas da sua identidade ou de pertencer a uma comunidade com a qual se identifica (Réguer, 2009).

Por outro lado, o aparecimento dos blogues insere-se numa nova forma de organização social, a chamada sociedade em rede (Castells, 2005), que vê as abordagens de mercados de massa a perder terreno para formas mais horizontais de comunicação, de interação e de pertença. Esta mudança aconteceu sobretudo no contexto da chamada Web 2.0, que potenciou a colaboração, partilha de informação e de funcionalidades (Pole, 2010). Os blogues serão uma manifestação única onde os diferentes entendimentos de interatividade (do utilizador com o sistema, do utilizador para o utilizador ou do utilizador com o documento) podem coexistir, sendo neste domínio as hiperligações não apenas uma tecnologia disponibilizada pelos blogues, mas um elemento definidor da própria natureza dos blogues (Trammell *et al.*, 2006).

Os blogues têm recebido crescente atenção por parte de organismos internacionais, como a Comissão Europeia ou a

3 Ferramenta que mede o acesso a blogues portugueses, de acordo com as estatísticas disponibilizadas pelo sitemeter, disponível em <http://weblog.com.pt/portal/blogometro/>. Esta ferramenta foi desativada em Junho de 2012 e uma nova contagem de visitas dos blogues passou a ser fornecida pelo blogue Aventar.

Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico. Num documento dedicado à chamada “web participativa”, a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE, 2007) reconhece a sua importância, assinalando vários números importantes: em 2005, 13% dos europeus contribuía regularmente para a blogosfera, sendo que um quarto dos utilizadores de banda larga com menos de 30 anos tinha o seu próprio blogue. De assinalar ainda a assunção do impacto político que o relatório faz desta plataforma, considerando que os blogues permitem trocar perspectivas políticas, provocar o debate e partilhar conhecimento, podendo mesmo implicar-se no próprio processo político (uma participação aqui entendida no sistema formal institucionalizado) ao fazer a cobertura de campanhas eleitorais ou apelando ao voto (OCDE, 2007: 37).

A Internet, escreve Baker (2007: 98) tem “efeitos transformativos na esfera pública que potencialmente – ou já mesmo – têm um grande significado político e democrático”, nomeadamente através da blogosfera que fornece novos importantes espaços para “o discurso público num mundo onde tais espaços têm, na prática, vindo a diminuir”. Neste campo, a blogosfera, nomeadamente a blogosfera política, é cada vez mais analisada como uma nova esfera pública onde opiniões e perspectivas sobre aspectos da vida pública são expressas numa deliberação em contínuo. A blogosfera pode ainda revitalizar funções da sociedade civil, como o escrutínio permanente dos poderes públicos, a disseminação da informação e a capacitação dos cidadãos para a defesa dos seus interesses.

A blogosfera política tem recebido crescente atenção por parte da investigação académica preocupada com matérias de esfera pública e participação política. A campanha eleitoral dos EUA em 2004 providenciou um corpus de análise que foi profusamente analisado, do ponto de vista dos temas abordados e da agenda de campanha. Na chamada blogosfera política estão incluídos os blogues de campanha, de membros de estruturas políticas eleitos e também de cidadãos com

interesses na matéria. A investigação tem-se ainda dedicado aos blogues políticos, não como ações de campanha ou como forma de *e-government* por parte das autoridades, mas sim focando a sua atenção nos blogues políticos, mantidos por cidadãos (às vezes também, membros de partidos ou mesmo eleitos) que são essencialmente espaços de discussão.

A blogosfera tem sido perspectivada como influente no espaço público (Tremayne, 2007; Drezner e Farrel, 2008; Woodly, 2008), sendo capaz de influenciar os *media mainstream* e a classe política, providenciando aos cidadãos interessados novas formas de informação e conhecimento. Por outro lado, a deliberação aí providenciada tem vantagens sobre outras formas de ativismo online, nomeadamente sobre as petições eletrônicas que originam mais políticas a “pedido” e em favor de interesses próprios, sem ter em conta a função essencial da política de alocação e gestão de recursos escassos (Blumler e Coleman, 2010). Ackland (2005) afirma que os blogues políticos apresentam uma crescente influência na política norte-americana, nomeadamente em termos dos conteúdos mediáticos e dos comentadores dos media. Também Pole (2010) defende que os blogues políticos são, de fato, uma nova forma de participação política, que pode transformar a política e levar a uma maior intervenção cívica.

Woodly (2008) apresenta uma perspectiva muito positiva sobre a blogosfera política, argumentando que esta plataforma alterou a estrutura da comunicação política, oferecendo aos leitores uma experiência democrática que não é possível por formas tradicionais. Ou seja, os blogues políticos são diferentes porque têm estratégias de hiperligação que, por um lado, constituem um sistema de referência imediata, e, por outro, diversificam de uma forma extraordinária a quantidade de informação que é fornecida. Os blogues políticos são ainda diferentes porque não assentam as suas mensagens nas elites políticas, como tendem a fazer os media tradicionais, nem estão sujeitos a critérios de neutralidade. Desta forma, providenciam questões e argumentos, examinando os fatos públicos através de uma lente que não é formatada

pelas elites nem pela objetividade dos jornalistas. “Os blogues políticos tornaram-se populares porque a maioria oferece boa informação, cujas fontes são abertas e habitualmente reveladas” (Woodly, 2008: 116).

Por seu lado, Pole (2010) também reconhece à blogosfera um potencial transformador da política. Os bloggers não precisam de credenciais para entrar na discussão (como precisariam em palcos tradicionais do sistema político ou dos media mainstream) e mudaram ainda a forma como e onde fazer política. A comunicação política, nesse meio, é ilimitada na magnitude e no alcance, empreendendo formas horizontais e multidimensionais, nomeadamente pelo diálogo com os leitores através das caixas de comentário. A forma como a informação é disseminada no espaço público foi também profundamente alterada pela possibilidade dada aos bloggers de linkar, de destacar e de comentar, o que mina o poder das grandes corporações mediáticas sobre aquilo de que se fala, ou seja, comprometendo o seu efeito de *agenda-setting*.

### **A blogosfera política portuguesa**

O surgimento da blogosfera em Portugal enquanto fenómeno de dimensão social é apontado como tendo ocorrido em 2003. O momento mais marcante desse parto foi a criação do blogue “Abrupto” por parte do então eurodeputado Pacheco Pereira, que, por ser uma figura pública, conseguiu catapultar a atenção para esta nova plataforma. Os media tradicionais passaram então também a olhar para este novo meio e, em 2004, estimava-se existirem em Portugal cerca de 90 mil blogues (Canavilhas, 2004) – num movimento muito marcado por criações sem consequências, pouca atualização e até desistências.

Desde cedo, a blogosfera atraiu a atenção da academia e dos investigadores. O primeiro encontro nacional sobre Weblogs teve lugar na Universidade do Minho, em Setembro de 2003, ao qual se seguiram mais três congressos académicos (na Beira Interior, no Porto e em Lisboa). As análises iniciais sobre a realidade nacional são publicadas e apresentadas

já a partir do ano seguinte por Granado (2004), Santos e Zamith (2004), Santos (2004) e Canavilhas (2004) e é também dessa altura a publicação do primeiro livro com instruções práticas sobre a criação e potencialidades dos então ainda chamados weblogs (Barbosa e Granado, 2004)<sup>4</sup>. Estas reflexões iniciais sobre o fenómeno em Portugal assinalaram o potencial de enriquecimento da vida pública que os blogues encerravam, assim como as funções de escrutínio e controlo dos media que exerciam. A tônica era no carácter subjetivo dos blogues, mas desde cedo também se marcou este espaço como um terreno para “o comentário dos assuntos da atualidade, tematizados e difundidos pelos media clássicos”, sendo os blogues “um notável fator de amplificação da conversação social, nomeadamente em torno dos grandes acontecimentos e dos grandes dossiers que mobilizam as atenções e preocupações das pessoas” (Pinto, 2004:8). Mais tarde, outros trabalhos analisaram também o impacto dos blogues em termos de espaço público, focando ora na sua amplificação (Silva, 2009; Carvalho e Casanova, 2010), ora na sua fragmentação (Rodrigues, 2006a).

Muitos estudos produzidos na altura apresentam um registo histórico do que foi o início da blogosfera, da sua popularização junto dos media tradicionais (Santos, 2004; Santos e Zamith, 2004; Granado, 2004) e até da comunidade política, com reflexões sobre os potenciais impactos junto desses dois sectores da vida portuguesa. Santos (2004, s/p) escrevia então ser claro que “a blogosfera se constitui como um espaço disruptivo: há lugar para novas ideias (especialmente porque a ideia é ainda mais valorizada que a sua fonte), há sinais de novos processos de criação de conhecimento partilhado, há uma maior descentralização da produção e distribuição de conteúdos, e há uma reformulação das concepções tradicionais de audiência e receptor”. Consensual ainda era a percepção de que os blogues não eram informativos na sua natureza, mas sim sobretudo opinativos. Certo é, assinala Pinto (2008), que a blogosfera se foi constituindo de forma gradual como uma nova instância de escrutínio público dos media, permitindo uma maior circulação de informação, assim como um debate mais regular

---

4 Dois early bloggers de 2002 e 2001, respectivamente.

e intenso sobre os acontecimentos da esfera mediática, nomeadamente por conferir uma maior visibilidade dos bastidores dos media e do jornalismo.

A dimensão política da blogosfera portuguesa foi, desde o início, muito acentuada por estudos académicos e pelos próprios *media*. Aliás, é atribuído a um blogue político (o Abrupto) a disseminação do conhecimento público sobre esta plataforma. Os grandes debates e discussões blogosféricas iniciais passaram também pelos blogues políticos, assim com as primeiras referências nos meios de comunicação social tradicionais. Silva (2009: 70) considera que a blogosfera “começou, essencialmente, por ser política” e que teve “um alargamento de participantes que veio acender muitas discussões ideológicas não possibilitadas no circunscripto mundo da comunicação social”. De acordo com Canavilhas (2004: 5), “a blogosfera portuguesa continua a fervilhar, com um nível de discussão pouco visto nos meios de comunicação tradicionais”, constituindo um “fórum de discussão ímpar”, caracterizado pelo fato de “os blogues que abordam questões políticas não [terem] parado de crescer”.

A volatilidade dos blogues não significou que não se tem mantido alguma perenidade na blogosfera, já que grande parte dos bloggers mantém um constante ritmo de criação-crescimento-morte que redundava, quase invariavelmente, numa nova criação. Assim, apesar de nem todos os blogues criados na blogosfera portuguesa terem seguido este ciclo de renovação, a blogosfera manteve a sua dimensão. “Claro que sabemos que criar e manter não é a mesma coisa, e que muitos dos blogues nascentes não passam do ato da criação, mas mesmo assim só um cego é que não percebe que se está perante um fenómeno que marcará a nossa época” (Pacheco Pereira, Público, 15/06/2006)<sup>5</sup>.

O impacto dos blogues políticos parece assim incontornável no espaço mediático e político, com uma desconformidade face a outros fóruns: a autoridade de quem fala na blogosfera não advém de um qualquer cargo ou

---

5 <http://abrupto.blogspot.pt/2006/06/blogues-apoteose-do-presente-os-blogues.html>

papel partidário nem do fato de ocupar um espaço de opinião selecionado em meios de comunicação social. Nesse sentido, marca uma diferença que justifica a sua relevância no debate acadêmico e que levanta novos questionamentos. Assim, poderá essa diferença que os blogues incorporam face aos centros de poder políticos tradicionais e aos meios de comunicação *mainstream* ser algo novo na esfera do debate político? O enquadramento tecnológico é obviamente recente, mas a existência de discussão sobre o governo das sociedades, tal como encontramos na blogosfera, poderá ter raízes em outros ambientes sociais e tecnológicos, cujos contornos se podem aprofundar.

### **As raízes da blogosfera**

Em Julho de 2011, a revista *The Economist* publicou um trabalho sobre o futuro das notícias onde questionava o fato de os novos *media* estarem a trazer a sociedade de volta aos cafés dos séculos XIX, ao espírito de conversação e debate que se viveria então. “Telemóveis com câmaras e media sociais, como blogues, Facebook e Twitter podem parecer completamente novos, mas eles ecoam a forma como as pessoas recolheram, partilharam e trocaram informação no passado” (*The Economist*, 9-15/07/2011)<sup>6</sup>. A analogia tem por palco os cafés do século XIX, os mesmos espaços que Habermas (1989) identificou como plataforma e meio primordial da primeira esfera pública. E, de fato, apesar do carácter revolucionário da tecnologia da Internet, algumas raízes dessas novas ferramentas, como são os blogues, poderão ser encontradas num passado pré-industrial. Ou seja, será de fato a blogosfera radicalmente nova?

Num texto publicado no *The New York Review of Books*, o historiador norte-americano Robert Darnton dá o tom para a resposta: “Blogging, now and then”<sup>7</sup>, ou seja, “Blogar, agora e no passado”. Haverá passado para

---

6 <http://www.economist.com/node/18928416>

7 <http://www.nybooks.com/blogs/nyrblog/2010/mar/18/blogging-now-and-then/>

a blogosfera para trás dos anos 90 do século XX? O historiador acredita que sim e traça um paralelismo entre os jornais ingleses do século XVIII e os blogues de rumores e fofocas que visam figuras públicas com duas características básicas, incivilidade e celebridade. Manuel Pinto, no blogue “Da Caverna ao Ciberespaço”<sup>8</sup>, resume a tese: “A febre das notícias e dos rumores, a personalização da informação, a insatisfação com os processos tradicionais de circulação das notícias poderiam – *mutatis mutandis* – ser elementos de quadros de fundo com as suas semelhanças”.

Robert Darnton centra a sua analogia no conteúdo (escândalos e mensagens grosseiras visando figuras conhecidas) e na forma: o parágrafo, como unidade autossuficiente de notícias, sem relação com o anterior ou com o seguinte. E (voltando ao trabalho do *The Economist*) a fonte destas fofocas encontrava-se, muitas vezes, nos cafés onde as vidas privadas eram discutidas. Robert Darnton encontra ainda semelhanças dos blogues com folhas volantes, tipo boletins, que circulavam na França do século XVIII pré-Revolução e que eram constituídas por frases soltas, chamadas então de anedotas no sentido de histórias secretas. Ou seja, essas anedotas seriam o equivalente da idade moderna à atual blogosfera: os leitores franceses consumiam então tanto escândalo com a vida privada das grandes figuras da sociedade como liam tratados sobre o abuso de poder. “De fato, anedotas e discurso político reforçavam-se mutuamente”, explica o historiador, questionando se poderão os blogues quebrar a política tradicional tal como estas folhas o fizeram na França do século XVIII.

Estas semelhanças levaram alguns autores a cunhar os bloggers como os novos panfletários. Rettberg (2008: 40-41), ao explorar os antecedentes impressos dos blogues, refere os panfletos do século XVII como “uma nova forma de comunicação radical, popular e disseminada graças à combinação da imprensa, maiores níveis de literacia e o levantamento da censura”. À semelhança dos blogues, a então disseminação de publicações impressas polémicas levava a mais publicações (para refutar, concordar, contra-argumentar ou vingar).

<sup>8</sup> <http://historiacm.blogspot.pt/>

Kochan (2006: 99) assinala igualmente que “muito como a imprensa, a Internet permite a cada indivíduo que bloga ser um panfletário no mercado das ideias”. Ou seja, tal como com as folhas volantes e outras formas similares de comunicação, toda a gente pode escrever, ser o seu próprio editor, gritar e espalhar o seu panfleto no espaço público. Quer nos panfletos, quer nos blogues, encontramos anonimato e pseudónimos e também ambos permitem que mentes errantes e indivíduos aprendam, debatam e conversem.

Outra perspectiva, adoptada por Moe (2010), sugere precauções no estabelecimento das analogias de forma a que aspectos genuinamente novos da esfera pública mediatizada não sejam ignorados ou subestimados. Assim, existem de fato similaridades, como o aproveitamento do baixo custo, velocidade e flexibilidade da tecnologia disponível para diminuir os custos da participação política. Por outro lado, os blogues, tal como os panfletos, diversificaram estilos e gêneros, ao mesmo tempo que o anonimato permitia encobrir identidades. Mas os contextos sociais, afirma Moe, são completamente diferentes, em termos de literacia dos cidadãos, economia capitalista, liberdade de expressão e de voto. Os panfletos foram usados como forma de promoção da democratização, numa altura em que vigoravam então muitas formas de censura, defendendo assim uma ainda inalcançada liberdade de expressão. Os blogues, conclui o autor, podem ser armas poderosas (sobretudo em sociedades mais autoritárias), mas os contextos sociais são essenciais para perceber os impactos das novas formas de comunicação.

Mesmo tendo na mente estas precauções, podemos tentar encontrar uma resposta à questão inicial sobre a verdadeira novidade que poderá constituir a blogosfera numa exploração da história portuguesa dos media. As analogias traçadas entre blogues e imprensa panfletária farão também sentido em Portugal, embora o panfletarismo tenha passado por diferentes fases. No século XVIII, o panfleto era um texto longo, não periódico, com um estilo violento que apresentava uma “visão parcial e pouco objetiva”, visando “o ataque social e, normalmente,

peçoal” (Tengarrinha, 1989: 74), cujos autores, apesar das tentativas das autoridades, não eram identificados. Alguns blogues partilharão algumas características desta literatura panfletária. Mas, este tipo de blogues não constitui a maioria dos blogues em Portugal e não estará igualmente entre os blogues políticos mais importantes. Os panfletos publicados noutra fase em Portugal, já no decurso do século XIX, são considerados como uma “extensão” do jornalismo de opinião, mas mais virados para a promoção da agitação social e da ação (Tengarrinha, 1989: 174). Não eram assim o espaço da construção da opinião e da reflexão política: esse era o papel do jornalismo de opinião.

Assim, reconhecendo como plausível que alguns blogues portugueses, genericamente, possam ter também pontos de encontro com a imprensa panfletária, que em Portugal floresceu ao longo do século XVIII e princípios do século XIX, não podemos esquecer que os blogues políticos, de maior impacto no espaço público, têm outras características. Assim, seria igualmente relevante procurar publicações com propriedades semelhantes a esse universo específico em Portugal. Se considerarmos que os blogues políticos são um meio de divulgação maioritariamente de comentários e opiniões com alguma regularidade temporal, que recorre a um estilo diverso (factual, argumentativo, irónico ou satírico) e que visa mobilizar sensibilidades, então podemos encontrar algumas semelhanças com a imprensa pré-industrial, a que Tengarrinha (1989: 133) chama de imprensa romântica e de opinião, e que surgiu em Portugal por volta da revolução de 1820: “Com um conteúdo vivo e dinamismo revolucionário, os jornais eram uma força real que os liberais não podiam desprezar e de cujo alcance só agora, verdadeiramente, os governantes se começavam a aperceber”.

Em primeiro lugar, existe um ponto de contato no género de ambos estes meios. Blogues e imprensa romântica (esta sobretudo depois de 1834) são principalmente formas de expressão da opinião, mobilizada em torno de causas, normalmente políticas. Ambos serão ainda projetos, na maioria dos casos, com alguma periodicidade. Mesmo no interregno miguelista (que suprimiu muitas das liberdades de imprensa até aí conquistadas),

encontramos publicações onde se fazia uma entusiasmada defesa do rei absolutista, como a Besta Esfolada, o Desengano, o Mastigoforo ou o Cacete. Existem ainda semelhanças em termos de estilo: o humor, a ironia e a sátira coincidem com um discurso argumentativo (de eloquência e oratória parlamentar, no caso do jornalismo romântico) onde nem sempre o tom factual é preponderante. As Farpas, de Eça de Queirós e Ramalho Ortigão eram, segundo Eça, “a ironia ao serviço da Justiça”. Em ambos ainda, há anonimato e também a utilização de pseudónimos, principalmente mais tarde (no que diz respeito à imprensa romântica), sob a forma de publicações clandestinas, durante a guerra civil, em 1846-47, e depois quando surgem as primeiras publicações republicanas.

Por outro lado, vemos ainda semelhanças em termos do conteúdo: coexistência de facções que se debatem no espaço público, mas também publicações que não se reveem na estrutura do poder da época. No que diz respeito à imprensa romântica, explica Tengarrinha (1989: 155) que, após 1836, “surgem também os primeiros periódicos que, vislumbrando as contradições internas do liberalismo, não são nem progressistas nem moderados” onde se exprime “um estado de insatisfação, de desacordo tanto em relações a uns como a outros, ou seja, uma posição meramente negativa”. O Azorrague (1838) afirmava: “Não tem cor política e não pertence a partidos, vibrando estocadas à esquerda e à direita, apenas com o fito no bem do povo”. Na blogosfera também há apresentação de intenções que apontam para a ausência de filiações: “O Cachimbo de Magritte é um blogue de comentário político. Ocasionalmente, trata também de coisas sérias. Sabe que a realidade nem sempre é o que parece. Não tem uma ideologia e desconfia de ideologias”<sup>9</sup>.

Mas a defesa de ideologias também faz parte da natureza da imprensa de opinião, assim como da blogosfera. Por exemplo, é de salientar o papel da imprensa republicana que desenvolveu uma ação de “primeira importância”, sendo a “tribuna mais incisiva e de mais profundo efeito, preparando os espíritos para o movimento que eclodiria

---

<sup>9</sup> <http://cachimbodemagritte.com/>

vitoriosamente em 5 de Outubro” (Tengarrinha, 1989: 240). Mesmo evitando uma comparação entre imprensa republicana e blogosfera em termos do impacto social e potencialmente revolucionário destes meios, é visível que ambos apontam o dedo ao regime vigente e seus problemas em termos, por exemplo, de ligações perigosas no poder. “A República – Jornal do Povo” escrevia, por exemplo, em 1848 em seções chamadas de “Notícias diversas” e “Variedades”, sobre o alegado caso amoroso que a rainha D. Maria II manteria com o seu primeiro-ministro, António Costa Cabral, chamado de conde Andeiro (numa alusão ao conde galego com quem D. Leonor Teles, considerada traidora de Portugal, se relacionou no século XIV). Denúncia de ligações perigosas na cúpula do Poder que também encontramos na blogosfera: “Mas não há limites para a pornografia de que José Sócrates é capaz, nem mesmo por se ter sabido entretanto que o processo Face Oculta registra as ligações perigosas entre João Cordeiro e o primeiro-ministro”<sup>10</sup>.

Outros pontos de contato podem ser identificados também no reconhecimento de problemas ao governo, nomeadamente em termos de transparência. Em 1860, o *Ecco Popular* “denuncia de modo implacável as situações em que «os amigos puxaram cadeiras e sentaram-se à mesa do orçamento»” e casos em o “governo realiza negócios que não são claros” (Reis, 1997). Em 2011, encontramos igual espírito de denúncia na blogosfera, contra as SCUT<sup>11</sup> e os negócios pouco claros que envolvem dirigentes do governo e grupos empresariais privados<sup>12</sup>. E vemos referências nos exatos termos da imprensa romântica, como se pode ver no blogue *Crónicas do Rochedo* a propósito do ministro Mota Soares: “O seu discurso da treta salazarenta não aquece nem arrefece, apenas nos ajuda a perceber que é mais um hipócrita a comer à mesa do orçamento”<sup>13</sup>.

Podemos ainda assinalar um ponto de contato na volatilidade das

10 <http://aventar.eu/2010/03/05/socrates-e-o-polvo-das-farmacias/>

11 <http://cachimbodemagritte.com/3033933.html>

12 <http://vidabreve.wordpress.com/2011/05/25/a-historia-secreta/>

13 <http://cronicasdorochedo.blogspot.com/2011/10/grande-lata.html>

publicações românticas e dos blogues: autores e editores que criam títulos que morrem para logo em seguida criarem outro título. Acontece na blogosfera, como vimos, e aconteceu também na imprensa romântica e de opinião, como se pode ver, por exemplo na seguinte explicação da própria publicação: «O Espectro vai substituir O Eco de Santarém. Este último título correspondia pouco à grandeza do projeto» (Tengarrinha, 1989: 166). Outra característica que pode ainda ser identificada em ambos os meios diz respeito à participação de pessoas que estão fora do país. Vários bloggers, como, por exemplo, do Blasfémias, Insurgente ou Portugal Contemporâneo, estão no estrangeiro e também na imprensa romântica, títulos como O Português (de Londres), O Português Emigrante (Plymouth) ou O Português Constitucional em Londres eram escritos por pessoas a viver longe de Portugal.

Finalmente, a taxinomia própria que blogues e jornais do século XIX (sobretudo) escolhem para se nomear é também significativa: é de relevar a expressividade e criatividade dos títulos e nomes, face a um certo cuidado asséptico nos tempos atuais na escolha dos meios de comunicação social (muito baseado também em siglas). A manifestação da mensagem pretendida pelo autor/editor é visível até pelo nome que é dado ao blogue, tal como o nome da publicação poderia indicar uma causa, uma motivação. Encontramos mesmo nomes iguais, como o do blogue Espectro (criação efêmera de Vasco Pulido Valente e Constança Cunha e Sá em 2006)<sup>14</sup>, igual a uma publicação de 1846, “o jornal clandestino mais importante da nossa imprensa periódica até ao aparecimento do Avante” (Tengarrinha, 1989: 168). É também o caso do Almocreve das Petas<sup>15</sup> que foi buscar o nome a um periódico humorístico do final do século XVIII, cujas tiradas atingiam “valores e pessoas até aí severamente respeitados” (Tengarrinha, 1989: 55). Outros nomes de blogues são também muito coincidentes como o Jumento (por comparação ao jornal o Burro), o Espectador Portuguez ou as Farpas<sup>16</sup>.

A irreverência e criatividade dos nomes da imprensa romântica

14 <http://o-espectro.blogspot.pt/>

15 <http://almocrevedaspetas.blogspot.pt/>

16 Uma similitude também encontrada em blogues brasileiros, não políticos, como o Artilheiro ou o Azorrague de Fogo (de índole religiosa).

e dos blogues pode ser considerada uma outra semelhança entre ambos os meios, como se pode verificar na proposta de classificação (ver quadro 1) apresentada. Para além dos títulos indicativos, que serão um pouco mais neutros e seguirão uma filosofia mais próxima da atual titulação de jornais e outros meios de comunicação social, encontramos duas outras categorias: os títulos simbólicos, com referências a acontecimentos históricos, artísticos ou desenvolvimentos esperados (sobretudo na imprensa republicana), e os disruptivos, onde encontramos alguma combatividade e mesmo agressividade verbal.

A blogosfera é radicalmente nova? A tecnologia revoluciona, os *media* mudam, mas há traços que permanecem e vão sendo reconfigurados. Como dizem Briggs e Burke (2005: 3), “alguns fenômenos nos *media* são mais velhos do que é geralmente reconhecido”. Neste caso em particular, a blogosfera parece assim dar continuidade à necessidade de haver no espaço público um meio (escrito, mas hoje em dia também multimídia) para expressões partidárias – não porque necessariamente ligadas a partidos políticos, mas porque tomam parte em questões, em causas.

É claro que, sendo os contextos sociais de ambas (blogosfera e imprensa romântica) completamente diferentes, estas analogias traçadas não significam que o impacto social (revolucionário e de mudança de regime da monarquia para a república) se irá repetir e esse cuidado deve ser tido em conta quando se tecem analogias históricas. A imprensa romântica é “aquela que funda o regime constitucional” e “extinguir-se-á à medida que se afirma a irreversibilidade do regime de liberdade política” (Reis, 1997: 143). A blogosfera é ainda, apesar da velocidade que caracteriza a atual era digital, um fenômeno recente que não nos permite grandes ilações sobre o seu futuro. Contudo, podemos traçar paralelismos entre as duas épocas, no que diz respeito, às revoluções tecnológicas e impactos na sociedade. “Existiu (e existe) uma interligação muito grande entre o pensamento, a filosofia, as ideias, e a evolução dos meios tecnológicos ao serviço dessas mesmas ideias” (Vieira, 2007: 29-30).

Quadro 1 – Proposta de classificação de nomes de blogs e publicações (nomes são exemplificativos, não exaustivos)

Títulos	Disruptivos	Indicativos	Simbólicos
<p>Jornais século XVIII</p>	<p>O desaprovador O espectador A besta esfolada O desengano A contra Mina O cacete As Farpas O artilheiro O azorrague O espectro A luta Mastigoforo Desamador dos Asnos da Ibéria O Burro</p>	<p>Correio da Península Correio Brasileiro Investigador Português em Inglaterra Correio do Porto Defesa de Portugal O nacional Eco de Santarém Portugal Velho A Tribuna =</p>	<p>O Lagarde Português Os Enjeitados da Fortuna na Roda do Tempo A Coalisão É tarde A Alvorada Navalha de Figo A República</p>
<p>Blogs</p>	<p>Blasfémias Jugular Arrastão Abrupto Insurgente Aventar Abrupto A prescrutadora Espectador Interessado O Espectro O Jumento As Farpas Espectador Portuguez</p>	<p>Portugal Contemporâneo Do Portugal Profundo Da Literatura Causa Nossa 5 Dias Baixa do Porto Tribuna Socialista</p>	<p>Delito de Opinião Cachimbo de Magritte 31 da Armada Aspirina B Corta-Fitas Albergue Espanhol Quarta República Portugal dos Pequeninos Vias de Fato Margens de Erro</p>

O final do século XVIII e o século XIX presenciaram a revolução industrial, que acelerou, de forma nunca então vista, a comunicação, a vida social e econômica: “Um grande, inesperado e repentino aumento de aplicações tecnológicas transformou os processos de produção e distribuição” (Castells, 2005: 40). O telégrafo permitiu separar a mensagem do transporte, tornando instantânea a comunicação entre pontos distantes. O caminho de ferro acelerou a circulação de pessoas e de produtos, e, conseqüentemente, das ideias (Mattelart, 1999). Ao mesmo tempo, por toda a Europa, a revolução liberal libertou consciências, abrindo o campo para o debate. A compressão do tempo e do espaço tinha também como reverso a abertura dos espíritos.

Na década final do século XX e nesta primeira do século XXI, uma nova revolução tecnológica potencia o aceleração da vida social e econômica (Katambwe, 2002): a Internet afirmou-se como um fenômeno social, sobretudo, com a Web 2.0, novas possibilidades de publicação, comunicação e edição modificaram a comunicação à escala global. “A universidade da linguagem digital e a pura lógica do trabalho em rede do sistema de comunicação criavam as condições tecnológicas para a comunicação horizontal e global” (Castells, 2005: 55). Tal como a revolução liberal significou a crítica às então instituições de poder, também nesta plataforma encontramos espaço para um movimento social de contestação social (por exemplo, à globalização), que engloba os media clássicos ligados ao poder, organizados em monopólios de grupos econômico-políticos e profissionais. “O surgimento de um novo sistema eletrônico de comunicação, caracterizado pelo seu alcance global, a integração de todos os meios de comunicação e interatividade potencial, está a mudar e mudará para sempre a nossa cultura” (Castells, 2005: 433).

## Notas finais

A blogosfera reinventa a crítica, a sátira, a ironia na opinião e comentário político, reintroduzindo na esfera da participação dos cidadãos a acutilância do debate político, contra um modelo de imprensa neutral, objetiva que se institucionalizou no mundo ocidental. Assim, um século depois de a imprensa romântica e de opinião ter desaparecido, voltamos a ter um meio (não profissionalizado) de causas, de opinião e de comentário. Mesmo tendo em conta que os níveis de literacia em Portugal e que as próprias potencialidades da tecnologia são completamente diferentes nestes dois quadros sociais, não podemos deixar de notar que os blogues parecem ocupar um espaço que foi deixado vazio pela transformação da imprensa numa indústria, constituída por organizações empresariais e habitada por profissionais. Tal como os jornalistas da imprensa romântica ou os burgueses da primeira esfera pública, os bloggers não precisam de credenciais para entrar na discussão. Tal como na era do jornal político – alimentado por “redatores que não vivem do ofício da escrita nem se especializam em género ou seção”, com um perfil que “corresponde à pluralidade de áreas e de interesses, funções ou negócios em que se movimentam (Reis, 1997: 146) – também os autores dos blogues são pessoas com outras ocupações, profissões e que produzem posts sem ganhos financeiros. Os cafés, os salões, clubes e movimentos dos séculos XVIII e XIX prolongam-se pelo século XXI com os blogues – e mais recentemente também o Twitter ou o Facebook – a manter pontos de partilha, debate, rumor.

Estamos ainda a falar de um fenómeno com menos de uma década de história em Portugal, pelo que será muito prematuro tentar antever as transformações que a blogosfera poderá introduzir em termos da vida política nacional. Mesmo reconhecendo-lhe traços de um passado revolucionário, agitado e interventivo, o contexto social em que os bloggers hoje atuam é completamente diferente e não há

lições da história da imprensa romântica que se possam aplicar como receituário à blogosfera política portuguesa. Mas há sinais a que devemos estar atentos, nomeadamente à questão da regulação – que foi, por exemplo, crítica no desenvolvimento da imprensa romântica. Por enquanto, há ainda grandes vazios nessa matéria, ainda que lei geral tenha vindo a ser aplicada. E – para lá de formas de regulação impostas, por exemplo, a nível estatal – uma certa forma de regulação dos bloggers auto-imposta pelo cumprimento de padrões éticos de comportamento ainda deverá voltar à discussão pública, sobretudo se a questão da credibilidade dos bloggers estiver no cerne das atenções.

Encontramos na história dos *media* um discurso messiânico recorrente relativamente às capacidades das novas tecnologias para revolucionar a democracia, a participação, o bem-estar social (Jeanneney, 1986; Mattelart, 1999; McChesney, 2008), mas sabemos também que é a apropriação por parte das pessoas que, em última instância, dita a transformação de uma qualquer invenção tecnológica em inovação social (Stöber, 2004; Oliveira et al., 2004). Assim, para percebermos o impacto que a blogosfera política eventualmente poderá ter no regime e estrutura de poder português há que conhecer melhor os atores sociais que usam a tecnologia e atentar de perto na evolução da regulação.

“Em conclusão, poder-se-ia pensar que a liberdade de imprensa foi para o regime da monarquia constitucional, simultaneamente, o sustentáculo e a causa primeira da sua destruição” (Franco, 1993: 33). A imprensa romântica e de opinião foi profundamente marcada pelas estratégias de controle e censura por parte do poder (com liberdades de imprensa a serem concedidas e retiradas ao sabor dos desenvolvimentos políticos) e isso terá também influenciado o rumo dos acontecimentos – evidenciando desta forma a relevância das matérias da regulação em qualquer momento histórico.

## Referências<sup>17</sup>

Ackland R (2005). 'Mapping the U.S. Political blogosphere: are conservative bloggers more prominent?', Blogtalk Downunder 2005 Conference.

Baker CE (2007). Media concentration and Democracy – why ownership matters, Cambridge: Cambridge University Press.

Barbosa E, Granado A (2004). Weblogs – diário de bordo, Porto: Porto Editora.

Barthes R (1968). La mort de l'Auteur, Manteia.

Blood R (2000). Weblogs: an history and perspective, disponível em [http://www.rebeccablood.net/essays/weblog\\_history.html](http://www.rebeccablood.net/essays/weblog_history.html), último acesso a 04 de Julho de 2012.

Blumler JG, Coleman S (2010). 'Political communication in freefall: the British case – and others?', The International Journal of Press/ Politics 15 (2): 139-154.

Briggs A, Burke P (2005). A Social History of the Media – From Gutenberg to the Internet, Cambridge: Polity Press.

Canavilhas J (2004). Blogues políticos em Portugal: o dispositivo criou novos actores?, disponível em [www.bocc.ubi.pt](http://www.bocc.ubi.pt), último acesso a 05 de Maio de 2011.

Carvalho T, Casanova JL (2010). 'Esfera Pública, democracia e Internet: os bloggers em Portugal', Observatório Journal 4 (2): 91-118.

---

<sup>17</sup> A bibliografia deste texto segue as orientações da Universidade do Minho.

Castells M (2005). *A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura (Vol.I) – A Sociedade em Rede (2ª Ed.)*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Drezner DW, Farrell H (2008). 'Introductions: Blogs, politics and power: a special issue of Public Choice', *Public Choice* 134: 1-13.

Franco G (1993). *A censura à imprensa*, Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.

Granado A (2004). 'Algumas notas sobre o panorama da blogosfera portuguesa', *Comunicação e Sociedade* n.º 5, Braga: CECS.

Habermas J (1989). *The Structural Transformation of the Public Shpere*, Cambridge: MIT.

Jeanneney JN (1986). *Uma história da Comunicação Social*, Lisboa: Terramar.

Katambwe JM (2002). 'La communication international à l'épreuve des faits: le paradigme des réseaux', in G. Brunel and C. Y. Charron (Dir) *La communication international – mondialisation, acteurs et territoires socioculturels*, Boucherville: Gaëtan Morin Éditeur.

Kochan DJ (2006). 'The blogosphere and the new pamphleteers', *Nexus* 11, Chapman University School of Law.

Mattelart A (1999). *A mundialização da comunicação*, Lisboa: Instituto Piaget.

McChesney R (2008). 'Media and Politics in the United States Today', in R. E. Rice (Ed.) *Media Ownership – research and regulation*,

Cresskil: Hampton Press.

Moe H (2010). 'Everyone a pamphleteer? Reconsidering comparisons of mediated public participation in the print age and the digital era', *Media Culture and Society* 32 (4): 691-700.

OECD (2007). *Participative web: user-created content* (JT03225396 DSTI/ICCP/).

Oliveira JMP, Barreiros JJ, Cardoso GL (2004). 'A Internet na construção de uma cidadania participada', in J. M. P. Oliveira, G. L. Cardoso, J. J. Barreiros (Org) *Comunicação, Cultura e Tecnologias de Informação*, Lisboa: Quimera.

Pinto M (2004). 'Um potencial de enriquecimento da vida pública' (Prefácio), in E Barbosa e A Granado, *Weblogs – Diário de Bordo*, Porto: Porto Editora.

Pinto M (2008). 'A cidadania e os media em Portugal: Notas sobre um quinquénio de sinais contraditórios', in M. Pinto e S. Marinho (2008) *Os Media em Portugal nos primeiros cinco anos do século XXI*, *Comunicação e Sociedade*, Vol. 12.

Pole A (2010). *Blogging the Political – politics and participation in a networked society*, New York: Routledge.

Réguer D (2009). *Blogs, Médias sociaux et politique*, Mayenne: Les2encres.

Reis AC (1997). 'A geração de o "Ecco popular"', in A. Almodovar, J. F. Alves, M. P. Garcia (Org.) *Rodrigues de Freitas – A Obra e os Contextos*, Actas do Colóquio, Porto: Centro Leonardo Coimbra.

Rettberg JW (2008). *Blogging*, Cambridge, Malden: Polity.

Rodrigues C (2006a). *Blogs e a fragmentação do espaço público*, livro Labcom disponível em [http://www.livroslabcom.ubi.pt/pdfs/20110824-rodriques\\_catarina\\_blogs\\_fragmentacao\\_espaco\\_publico.pdf](http://www.livroslabcom.ubi.pt/pdfs/20110824-rodriques_catarina_blogs_fragmentacao_espaco_publico.pdf), último acesso a 05 de Dezembro de 2011

Santos LA (2004). 'Weblogs and journalism: an uneasy relation (the Portuguese case)', paper delivered at the IAMCR Conference, Porto Alegre, July 2004.

Santos LA, Zamith F (2004). 'Weblogues e jornalismo: um exemplo de aproximação na universidade portuguesa', *Comunicação e Sociedade* n.º 5, Braga: CECS.

Silva PO (2009). *Blogo logo existo*, Lisboa: Media XXI.

Stöber R (2004). 'What media evolution is - A Theoretical Approach to the History of New Media', *European Journal of Communication* 19 (4): 483-505.

Tengarrinha J (1989). *História da Imprensa periódica portuguesa*, Lisboa: Editorial Caminho.

Trammell KD, Williams AP, Postelnicu M, Landreville KD (2006). 'Evolution of the Online Campaigning: increasing interactivity in candidate web sites and blogs through text and technical features', *Mass Communication and Society* 9 (1): 21-44.

Tremayne M (2007). 'Harnessing the active audiences: Synthesizing blog research and lessons for the future of media', in M. Tremayne (Ed.) *Blogging, citizenship, and the future of media*, New York: Routledge.

Woodly D (2008). 'New competencies in democratic communication? Blogs, agenda setting and political communication', *Public Choice* 134: 109-134.